

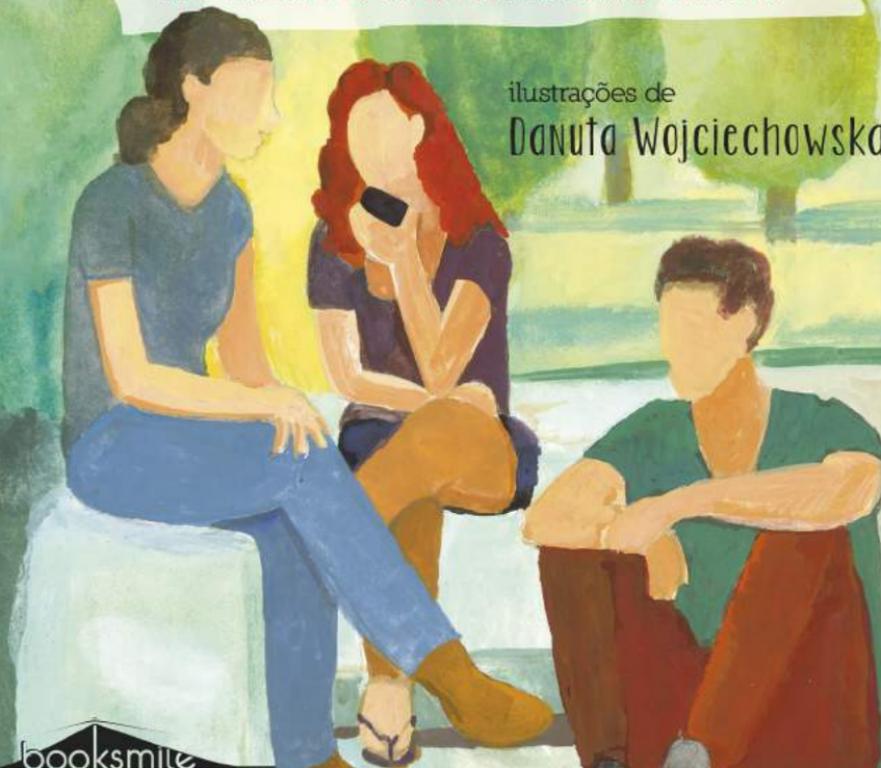
coleção  
[ a escolha  
é minha ]

Margarida Fonseca Santos

# À SOMBRA da vida

Uma Filha INCONFORMADA. Dois Amigos VERDADEIROS.  
Uma História de Luta, Persistência e Amizade.

ilustrações de  
Danuta Wojciechowska



booksmile

*Para o Nuno, a Isabel e o Pedro,  
e a Tia Nininha: sem vocês, nada seria fácil...*

*e*

*Para a Margarida Cordo: uma lutadora incansável  
e uma amiga para a vida.*



# Capítulo 1

Beatriz

Estive todo o serão a ver séries na televisão, umas bastante estúpidas, de que nem sequer gostava. Precisava de ter algum ruído à minha volta para apagar os outros sons, os da minha mãe, a cirandar pela casa. Bom, não era bem cirandar, era mais cambalear. Também isto era um pouco estúpido, porque eu continuava dividida entre ouvir e não ouvir. Precisava de apagar os barulhos do que se passava lá dentro e que me mostravam como nada mudara — continuava a beber — e precisava de ouvi-los porque a minha mãe podia precisar de mim. Ou seja: fizesse eu o que fizesse, ouvia e não ouvia, tudo ao mesmo tempo!

A janela, aberta de par em par, provocava-me arrepios horríveis. Pudera!, o tempo estava péssimo.

Nem a manta que a avó Claudina me deu era eficaz contra aquele frio de inverno. Contudo, a alternativa era sentir aquele cheiro. Parecia estar espalhado pela casa e agoniava-me. O que diria a avó se nos visse naquele instante? Que éramos umas tolas, de certeza.

Este pensamento fez-me sorrir. A avó adorava dizer:

— Não sejam tolas!

Depois, lá vinha uma lição de moral. Foi pena ter desaparecido tão cedo, faz-nos falta, muita falta mesmo. Desliguei a televisão. Já estava farta de assassinos e de miúdas giras a fazer de detetives. Também fechei a janela, porque dedicar-me a arrumar tudo enrolada numa manta não dá grande resultado e sempre entrava menos frio.

Atravessei o corredor em bicos de pés. A minha mãe, com a almofada em cima da cabeça, se calhar para não ouvir a gritaria das séries que eu fingia ver, já dormia, finalmente. Quis encostar a porta do quarto devagar, para não a acordar. Mesmo antes de o conseguir, vi a fotografia do meu pai na mesa de cabeceira. Foi por um triz que não bati com a porta, por um triz!

Gostava de saber o que anda ele a fazer em Angola. Até posso aceitar bem o divórcio, quero dizer, posso tentar, pelo menos... Agora aquilo de ele

ir para longe e só me telefonar de vez em quando, isso não aceito de forma alguma. E depois há aquela parvoíce: a fotografia dele no quarto que antes foi dos dois. A minha mãe recusa-se a enfiá-la na gaveta. Não consegue admitir que ele tenha ido embora para sempre. Sim, porque ele meteu-nos numa gaveta e esqueceu-nos. Bom, isto é um pensamento meu, claro, porque a minha mãe continua a achar que ele vai voltar para casa um dia, que vai voltar para ela e para as nossas vidas.

*Podiam ter tido mais filhos*, lembro-me de também ter pensado nisso.

Arrumei a casa, como de costume. Não é por ter treze anos que faço isto, não mesmo. É porque, se eu não arrumo as coisas, a minha mãe também não o faz. Mas nunca mexo no escritório dela. Nem me atrevo! Isso daria logo lugar a discussões. Jornalista dedicada, sobretudo a temas culturais como freelancer, trabalha em casa. Mais um motivo para que tudo dê para o torto. De vez em quando, penso nos livros que começou a escrever (e ela escreve tão bem!) e que nunca acabou. Experimentei uma espécie de pena, mas passou-me logo, claro.

Já estava quase a acabar quando senti uma presença mesmo atrás de mim. Dei um salto disparatado!

— Ai, mãe, que susto!

— Desculpa, Beatriz, desculpa. Que horas são?

— Horas de dormir — disparei, sem qualquer pitada de compaixão.

— Ia arrumar a cozinha...

— Já arrumei, está tudo feito, volta para a cama.

— És tão bruta comigo, filha!

Os meus olhos encheram-se logo de lágrimas e eu detesto que a minha mãe se aperceba disso. Por isso repeti:

— Volta para a cama!

E fechei-me no quarto. *Podiam ter tido mais filhos!*, pensei de novo, não era justo estar ali sozinha!

## Henrique

Já estávamos à espera da Beatriz há mais de dez ou quinze minutos. A professora de teatro, ou melhor, a professora fixe que dá parte do seu tempo livre para nos ensaiar e ensinar estas coisas do teatro, não conseguia disfarçar a ligeira irritação que isso lhe causava. Ela é uma pessoa fantástica, muito divertida — até nos deixa chamar-lhe só Teresa! —,

mas há coisas que a deixam fora de si — chegar atrasado é uma delas, talvez a pior.

Quando a Beatriz entrou, ficámos todos um bocado aflitos, pelo menos eu fiquei. Os olhos estavam tão avermelhados que percebemos que tinha chorado a valer. A professora Teresa perdeu de imediato a irritação, não suporta ver-nos a sofrer.

— Estás bem, Beatriz?

— Claro que sim!

Esta resposta foi acompanhada por uma súbita manobra de distração, como se tivesse de procurar qualquer coisa na mochila, mas que não resultou. Também foi uma resposta muito mais falsa do que verdadeira. E muito mais bruta do que simpática. O que se passava com a Beatriz? A Teresa não quis insistir.

— Vamos então começar com a cena nova, pode ser? Não se esqueçam: quero que sintam com o coração o drama das personagens que...

Deixei de ouvir. A Beatriz iria contracenar comigo dali a nada e tínhamos de mostrar, nada mais nada menos que... desespero. Fazíamos de refugiados, íamos por uma estrada em péssimo estado a tentar fugir de uma coluna militar. Eu sabia, pela expressão que ela já trazia ao entrar ali, que

a minha amiga estava a viver uma espécie de fuga embrulhada em desespero. O meu coração começou logo a querer sair-me do peito!

Quando chegou a nossa parte, esforcei-me por ser muito convincente, mas a Beatriz bateu-me aos pontos. Não sei como, até já sabia as falas de cor, não precisou de olhar para o papel! Fiquei arrepiado até aos ossos.

— Excelente, Beatriz, muito bem! Henrique, também estiveste muito bem, mas não podes mostrar tanta preocupação pela tua companheira de viagem. Pensa no enredo que construímos. Não te esqueças de que só a conhecestes agora, ainda não há nada que vos ligue, a não ser o drama que vivem.

Apeteceu-me explicar-lhe que não estava a exagerar, pois ficara mesmo angustiado com a Beatriz, mas não valia a pena. Precisava era de tirar a limpo o que se passava. Andava esquisita e muito silenciosa, o que não era normal. Talvez a Carolina soubesse mais qualquer coisa, mas tinha de esperar até ao fim do ensaio. A nossa amiga Carolina é demasiado prática e objetiva na vida, o teatro não lhe diz nada. Ali éramos apenas eu e a Beatriz.

— Queres falar? — sussurrei-lhe ao ouvido.

— Claro que não.

A resposta saiu quase de repente, mais uma vez nada simpática e carregadinha de fingimento. Calei-me. O pacto entre nós três mantinha-se: respeito acima de tudo, direito a termos os nossos dias maus sem que os outros dois nos massacrem com perguntas ou tentativas parvas para nos resgatar do problema. Um pacto sagrado. Assim fiz.

— Henrique, fazemos a cena de novo?

Pelo olhar da professora Teresa, deduzi que era a segunda vez que me dizia aquilo, não devo ter ouvido à primeira, e apressei-me a colocar os papéis em cima de uma cadeira. Se a Beatriz tinha sido capaz de decorar aquilo, eu também seria! Daquela vez, a nossa parte saiu, segundo a Isabel, perfeita! Menos mal...



## Carolina

Os cabelos ruivos e absolutamente incríveis da Beatriz caíam-lhe pelos ombros daquela forma descontraída que os caracteriza. Lisos e brilhantes como sempre, prontos para sofrer qualquer tratamento menos cuidadoso da dona (sim, a Beatriz sabe mesmo tratá-los de qualquer maneira, não lhes liga nenhuma), provocam, todos os dias, a inveja da maioria das miúdas da nossa turma e arredores. Não, não é assim: acho que é mesmo da totalidade das raparigas com quem a Beatriz se cruza!

A pretexto de estar cheia de frio, fora sentar-se ao sol, um bocadinho afastada de nós dois, e isso era mesmo uma novidade. Noutra altura, ter-nos-ia arrastado para perto dela, costumava ser sempre assim. Por isso, mesmo sem ela nos pedir, fomos começando a aproximar-nos.

O Henrique tinha-me contado as cenas que aconteceram no grupo de teatro. Era óbvio para nós que se estava a passar qualquer coisa (e grave!) com a Beatriz, mas não conseguíamos que nos contasse nada. As respostas eram sempre:

— Vá lá, não sejam dramáticos!

Ou então:

— Mas não têm mais nada para falar senão de mim e dos meus silêncios?

E mais do género... O principal problema era nós não sabermos o que se passava, mas estava a tornar-se muito claro que não ia ser fácil pôr aquela menina a falar.

— Correu-te bem o teste de Inglês, Beatriz?

Pobre Henrique, lá estava a tentar que ela conversasse connosco.

— Foi normal. — A Beatriz virou-se para mim, tentando fugir, mais uma vez, a ser o centro das atenções: — E a ti?

— Sim, normal — respondi. — Não morro de amores por línguas, já sabes...

— Pois, o teu negócio é números — brincou a Beatriz, e fez o seu primeiro sorriso daquele dia.

— Mas acabas sempre por fazer tudo bem...

— Espero que sim!

E esperava mesmo, porque os meus pais andavam continuamente a refilear comigo por causa das notas a Português, Inglês e História, quando para mim o importante era Matemática, Geografia, essas coisas.

— O Henrique contou-me que fizeste um papelão no grupo de teatro. — Estava lançado o isco. Iria a Beatriz falar? — Grande croma, hem?

— Oh...

O tal sorriso tinha sido varrido da cara da Beatriz. Eu diria que uma nuvem escura tinha estacionado por cima da sua cabeça. Que digo eu? Ai... um pensamento destes deve ser resultado da influência dos livros que lemos em Português! Não é nada o meu género pôr-me a imaginar coisas destas! Contudo, foi o que senti, de um momento para o outro. Quase podia imaginar a nuvem presa à nossa amiga por um fio, que, por sua vez, se encontrava atado aos pensamentos dela.

Claro que, em alturas daquelas, não valia a pena contar com o apoio do Henrique. Atrapalhou-se como de costume e pôs-se a dizer parvoíces que não interessavam a ninguém só para gastar os minutos que ainda nos separavam do toque de entrada.

Assim que se ouviu a campainha, fomos em passos lentos e preguiçosos para o ginásio. Com aquele frio, despir os casacões era o que menos nos apetecia, já para não falar das corridas à volta do pavilhão para «aquecer». Acabavam sempre por ser

aulas muito divertidas, mas nada nos convenceria a ir mais depressa para os balneários.

Todo o percurso foi feito em silêncio e eu só pensava que não me lembrava de existirem silêncios daqueles entre nós.

## Beatriz

— Beatriz, és tu?

— Claro que sou eu, mãe, quem é que havia de estar a chegar a casa?!

Arrependi-me da frase assim que a disse, mas era demasiado tarde para apagar do ambiente a bomba que acabara de lançar. Deixei a mochila junto ao móvel da entrada, mais ou menos arrumada para não criar mais atritos. Mas irritava-me sempre com aquela pergunta, como se fosse possível ser o pai, que não iria voltar àquela casa, ou a avó, visto que se evaporou para o outro lado da vida sem me perguntar se eu estava pronta para ficar sozinha! Contudo, eu sabia que não valia a pena dizer frases daquelas, pois só a magoavam e eu não ganhava nada com isso, pelo contrário.

— Cheira bem — comentei, a tentar compor o desastre. — Estiveste a cozinhar?

— Nada de grandes aventuras, aviso já. São só uns bifeinhos de peru com aquele molho de que tu gostas muito.

— Boa, que delícia!

O entusiasmo era falso, sobretudo porque quem gosta daquele molho é o pai e não eu, mas precisava de fazer alguma festa em torno da iniciativa da minha mãe — cozinhará uma refeição!

— Recebi hoje outra encomenda — contou-me.  
— Um projeto muito interessante.

— Ai sim? Isso é bom, não?

— Claro que é, filha, claro que é!

— Tens de trabalhar a sério...

Novo disparate! Para que fui eu dizer aquilo?!

— O que queres dizer com isso? Eu trabalho sempre a sério!

— Pois trabalhas, pois trabalhas, esquece, até me pareço contigo quando te pões com tretas sobre os testes...

A minha mãe riu-se e eu também, para ver se o ambiente ficava mais descontraído. Entretanto, o telefone tocou.

— Está sim? Sim, sou eu mesma, Filomena Lucas...

Aproveitei a deixa para ir enfiar o fato de ginástica no tambor da máquina, não me queria esquecer

de o lavar. Quando voltei para perto do fogão, o molho borbulhava tanto que desliguei o gás. Foi quase ao mesmo tempo que a minha mãe desligou o telefone.

— Que chatice!

— Então?

— Aquela reportagem sobre Serralves só sai na próxima revista... E eles só pagam quando é publicada.

— Não te preocupes, ainda temos dinheiro.

Sim, tenho treze anos, mas a conta bancária é das duas, para ser mais seguro, por isso sei o que temos e quando começa a faltar. E estava a mentir. Naquele mês, quase não entrara nada e a conta descia depressa.

— Se o teu pai...

— Mãe, para de falar no pai, pode ser? Para!

Sentámo-nos à mesa e servimo-nos já sem falar. Reparei que ela estava sóbria e bem arranjada. Nada de especial, mas tinha lavado o cabelo e posto uma roupa prática que lhe ficava mesmo bem. A minha mãe é uma mulher gira, mesmo bonita, e superinteligente, não faz sentido estar sozinha! Mas depois lembrei-me das garrafas acumuladas naquele canto da varanda, onde ela pensava que eu

não as descobriria, e percebi que não bastava ser culta, interessante e atraente — era preciso pôr um travão àquele vício horroroso que nos minava os dias.

— Estás a gostar?

— Hum, hum — menti. — Está impecável.

Não é por acaso que a minha roupa me fica a nadar — perdi por completo o prazer de comer. Mesmo que fosse um dos meus pratos favoritos, não ia ser fácil engolir tudo.



## Capítulo 2

Beatriz

Aquela parcela de relva, mesmo muito rala e seca, era nossa, naquela tarde. Tratava-se da única nesga de sol no pátio da escola e queríamos recuperar do frio que se sentia nas salas de aula.

Tinha estado a observá-los, à Carolina e ao Henrique. Começava a ter quase a certeza de que havia mais qualquer coisa para além de sermos todos muito amigos. Crescemos juntos, sempre nas mesmas turmas desde a primária, somos um grupo muito coeso e inquebrável. Porém, a forma como agora se olhavam causava-me uma espécie de medo. Sim, era medo... O que seria de mim se eles começassem a namorar? Iria ser posta de lado? Não suportaria mais uma separação, não agora.

Arrependi-me logo de pensar assim. Aqueles dois estavam destinados a ficar um com o outro! E, sendo meus amigos, só posso desejar que isso lhes aconteça.

Estavam tão entretidos que me deixei ficar em silêncio. Cada vez mais gosto de não falar. Se a avó Claudina me visse naquele instante, teria atirado mais uma das suas gargalhadas! Costumava dizer que eu tinha começado a falar com dois anos e que nunca mais me calara. Era quase verdade. Mas a realidade daqueles dias era outra...

Estavam a acontecer muitas separações, ultimamente. Primeiro, a avó. Não sei se alguma vez vou recuperar de a ter perdido. É engraçado pensar que não queríamos que ela sofresse mais, era horrível vê-la ligada a máquinas e sem acordar. Segundo o que os médicos nos disseram, foi melhor assim, pois não se deve ter apercebido de que estava mal. Talvez seja verdade, mas eu não consigo entender a vida sem ela. Talvez com a minha mãe se passe o mesmo.

Depois disso, muito poucos dias depois, pareceu-me, o pai chegou de uma ida rápida a Angola e informou a minha mãe que queria o divórcio. Nenhuma surpresa, pelo menos para mim, porque

eles passavam a vida a discutir e era um suplício. Mas não era só isso. O meu pai ia aceitar um emprego lá e queria assumir a relação que tinha com «a outra» mulher (que nunca cheguei a conhecer!). Entendi nesse dia que a minha mãe sabia disso, eu é que não. Na altura, até achei bem que se fosse embora, porque tinha «outra», e isso era horrível. Agora, faz-me falta, muita mesmo.

Por fim, perdi a minha mãe normal. Ela estava ali em casa comigo, mas passava os dias triste e chorosa, já para não falar das garrafas que se acumulavam, vazias!, por todo o lado. Deixou de ser a mesma pessoa.

Talvez assim se perceba melhor o que eu senti ao ver a Carolina e o Henrique tão apaixonados. Se, naquele momento, o meu grupo de amigos desaparecesse por eles namorarem um com o outro (e eu sempre desconfiei que, mais tarde ou mais cedo, isso ia acontecer), eu ficava mesmo sozinha. Não me sentia com forças para isso.

— Em que planeta aterraste? — brincou o Henrique.

— Eu? Em nenhum. Estava a lembrar-me daquele estúpido esquema que temos de decorar para História. Não vou conseguir, são montes de nomes.

Estava a mentir, e custava-me mentir-lhes, mas não podia dizer mais nada.

— Então não foste tu quem decorou uma cena inteirinha de teatro num instante? — atirou a Carolina. — Isto é mais fácil, não?

— Não sei, acho que não. Isto é estúpido.

Normalmente, quando um de nós diz «isto é estúpido», há sempre risota a seguir. Mas desta vez, ficámos calados. Havia de facto muitos silêncios agora... O Henrique levantou-se, sacudiu a relva e a terra das calças e deu uma mão a cada uma de nós para nos içar. Fiquei feliz com este gesto. Abraçei-o de repente, depois fiz o mesmo à Carolina, e larguei a correr para a paragem de autocarro. Eles seguiram-me, a barafustar. Não se aperceberam do nó que me tinha entupido a garganta, acharam que era um desafio. Ganhei eu, claro, porque estou transformada num palito e sou muito despachada a correr.

— Isto foi estúpido — imitou-me o Henrique, quando chegou à paragem, dobrando-se por causa da dor de burro.

Daquela vez, houve risota. Gosto tanto dos meus amigos!

## Henrique

O nosso diretor de turma sempre nos pareceu um bocado tosco. Um craque nas TIC, disso não há quaisquer dúvidas, mas em matéria de gerir turmas pareceu-nos que deixava muito a desejar. Contudo, naquele dia, o assunto era muito complicado e nenhum de nós sabia como reagir.

— O Tomás precisa de todo o nosso apoio — acabou por pedir. — Nem que seja uma mensagem de telemóvel, ou através do *Facebook*. Comuniquem com ele durante esta fase tão difícil, será uma enorme ajuda.

Claro que o Guilherme, que tinha a sensibilidade de uma estatueta de betão, fez logo a questão que todos queríamos colocar mas não ousávamos:

— O Tomás vai morrer? O que é isso da hemodiálise?

— É o sangue a ser filtrado, bronco, não ouviste a explicação? — disse a Carolina, irritada. — Não está em risco de vida, os rins é que podem ficar afetados para sempre, não é, stor? Isso é que é mau.

— Exatamente, Carolina, explicaste muito bem — concordou o professor. — Só que, nesta fase, ele terá de ficar em casa, não vem às aulas.

— Sorte a dele... — sussurrou a Beatriz, sem mostrar um bocadinho de preocupação. — Balda-se às aulas e ainda lhe damos mimos suplementares!

Eu fiquei gelado. Aquela não era a reação normal da Beatriz, não a Beatriz que nós conhecíamos há séculos.

— Estás parva? Deve ser horrível! — ripostei, sempre em voz baixa.

— Pois sim... Coitadinho do Tomás! É o único aqui na turma com problemas difíceis, pois é, tens razão, tinha-me esquecido disso...

Era arrepiante perceber como a voz da Beatriz vinha carregadinha de desprezo. Talvez não fosse desprezo, talvez fosse quase raiva. Lancei-lhe um olhar daqueles que só se apaga com um pedido de desculpas, mas a Beatriz ignorou-me. Encolheu os ombros e pôs-se a observar as árvores lá fora, esquecida já do nosso colega e dos recados dados pelo diretor de turma.

Cruzei o olhar com a Carolina, que se tinha virado para trás, tão surpreendida quanto eu. Quem era aquela miúda? Não era, de certeza, a nossa amiga Beatriz!

## Carolina

Calha-me sempre a tarefa asquerosa de ir deitar o lixo no contentor, porque o meu irmão João é minúsculo e nem conseguiria abrir aquilo, quanto mais deitar lá para dentro o saco malcheiroso... A parte pior é que, sempre que me vê sair de casa para aquilo, o João fica com um sorrisinho parvo. Detesto!

Como moro mesmo no prédio ao lado da Beatriz, costumo dar-lhe um toque para descermos ao mesmo tempo, sempre conversamos um bocadinho. Contudo, naquela noite, esqueci-me, talvez por me ter posto a refilar com o João por causa do jogo de consola que ele não larga. Desci irritada e, só quando abri a porta do prédio, me lembrei da Beatriz. Porquê? Porque ela estava no contentor dos vidros, um pouco mais à frente.

Não a chamei logo, queria pregar-lhe um susto. Despejei o saco e comecei a andar devagarinho, mas quem apanhou um susto valente fui eu. Quantas garrafas estava ela a despejar no vidrão? Imensas! Fui caminhando naquela direção e pude ouvir umas fungadelas típicas de choro. Fiquei

parada à espera de que ela acabasse de esvaziar os sacos. Quando a Beatriz se virou, deu um salto.

— Credo, Carolina, ias-me matando de medo, que parva!

Tudo isto foi dito enquanto disfarçava as lágrimas e secava o nariz num lenço de papel demasiado usado para ser eficiente.

— O que foi?

— O que foi, como?!

— Estás a chorar?

— Não estou nada, que disparate, é alergia!

Segurei-lhe num braço, impedindo-a de avançar para casa.

— Que garrafas eram essas?

Pode ter sido muito leve, mas eu vi muito bem a hesitação dela.

— Andamos em arrumações...

— Beatriz, não me tomes por parva, o que é isso?

— Que trágica! — gritou ela, correndo para casa depois de se soltar. — Tens de ir connosco para o teatro, sempre dás utilidade a essa veia dramática. Adeus, adeus, ainda falta muito, quero despachar-me!

E desapareceu na escada do seu prédio, sem sequer olhar para trás. De repente, tudo começou a fazer sentido para mim. Peguei no telemóvel e liguei ao Henrique.

— Henrique? Acho que já percebi o que se passa com a Beatriz...

— Então?

— Acabei de a ver despejar um montão de garrafas vazias.

— Garrafas? Dela?! A Beatriz bebe?!

— Não, parvo, acorda! Claro que não são dela, só podem ser da mãe...

— Da mãe?! Tu achas que... Achas?! Que cena!

— Pois... Temos de agir.

— Algum plano?

— Nada, tenho a cabeça em estado de caracol drogado... Vais ter de me ajudar.

O Henrique concordou (tanto com o estado de caracol, porque sentia o mesmo, como com a necessidade de me ajudar). Se a Beatriz precisava de nós, mesmo não tendo coragem para nos dizer o que se passava, podia contar connosco!

Beatriz

— Onde é que foste?

— Deitar o lixo fora, mãe, não foi o que disse que ia fazer?

— Ias muito carregada.

— Claro! Ou já te esqueceste que tens bebido imenso?

— Não fales assim comigo, Beatriz!

— Tens razão, o melhor é não falar mesmo!

Fechei-me no quarto, depois de bater com a porta, para pelo menos deitar fora um bocadinho da raiva que sentia. Sei que parece falta de educação, mas não estava a conseguir gerir bem as minhas emoções. Contudo, mesmo aquele gesto não adiantou grande coisa. Comecei a ouvi-la chamar-me do lado de fora. Vá lá, tinha o bom senso de não entrar.

Abri a porta devagar e voltei a sentar-me na cama. A minha mãe imitou-me, quis abraçar-me, e eu não deixei. Ainda tinha nas mãos o cheiro das garrafas, e isso provocava-me um nojo horrível. Levantei-me, fui lavá-las e voltei para a mesma posição.

— Beatriz, eu prometo-te que vou deixar de beber, prometo-te!

— Mãe, não digas coisas dessas! Para que é que prometes? Estás sempre a dizer que vais deixar de beber... Julgas que sou parva? Quantas garrafas trouxeste ontem para casa? Dizes que vais deixar de beber, grande lata! Sabes muito bem que isso não é verdade.

— Não é verdade?! Claro que é! Achas que não gosto de ti?

— E isso que interessa?! Não adianta nada, vais continuar nisto até... até...

Calei-me. Na verdade, não fazia ideia de como iria terminar aquele vício.

— Eu tenho tentado parar, juro que tenho...

— Não se nota nada!

A minha voz, despejada assim para cima da minha mãe, magoou-a a sério, e entrou depois de novo em mim como se fosse uma faca. Quando é que eu tinha começado a responder-lhe com tanta desconfiança, com tanto desprezo? Já nem me lembrava.

— Tu achas que eu não vou ser capaz — começou ela.

— Não, por acaso não é isso que penso. É um bocado pior: eu acho que tu não queres ser capaz de deixar de beber!

— Estás a ser muito cruel, Beatriz.

— Paciência, mãe. Não aguento isto! Vou dar uma volta.

Saí porta fora, como nas séries, mas não me correu nada bem o enredo. Esqueci-me das chaves, porque sou muito estúpida. Aquela seria uma cena

altamente dramática e forte, capaz de, desejava eu, deixá-la envergonhada. Mas sem chaves só teria um desfecho: iria voltar como um cordeirinho humilhado. Ou então...

Toquei à campainha. A minha mãe abriu-me a porta e eu tenho a certeza de que ela estava à espera de receber um abraço e um pedido de desculpas. Mas, nem sei bem como, arranjei maneira de a magoar ainda mais. Agarrei nas chaves e voltei a sair. Nem olhei para ela.

Não desci, nada disso. Sentei-me nos degraus um pouco abaixo da nossa porta e chorei sozinha. Lá dentro, ouvia um cenário parecido, cheio de suspiros e com uns ruídos típicos de garrafas, provavelmente a servirem de calmante. Fiquei ali, abraçada aos joelhos, sem ser capaz de perceber o que fazer!

CRESCER é um desafio ENORME. Mas, às vezes, é difícil decidir que caminho devemos seguir. *A Escolha É Minha* é uma coleção sobre as opções que tens de tomar todos os dias, com histórias de vida contadas por jovens, tais como tu.

Esta história, *A Sombra da Vida*, podia bem ser a tua ou, quem sabe, a de alguém que conheces.

A Beatriz, a Madalena e o Henrique eram amigos inseparáveis, até a Beatriz começar a comportar-se de uma forma estranha. Torna-se mais reservada, como se escondesse qualquer coisa.

Quando as notas baixam e a Beatriz começa a perder a cabeça em situações aparentemente simples, a Madalena e o Henrique entram em campo. Só com a ajuda destes dois amigos ela conseguirá recuperar a alegria e a estabilidade perdidas. Pelo caminho, fica o percurso doloroso da mãe, desanimada por um divórcio difícil e pelo álcool, o remédio envenenado que lhe entorpece os dias.

Vem daí conhecer estas vidas e descobrir que, afinal, é mesmo verdade: juntos somos mais fortes...

Já tens o outro livro  
desta coleção?



 livros que saltam à vista 20 20 editora	ISBN 978-989-8839-09-1   9 789898 839091 Literatura Juvenil
---	---